

Tradução do russo e edição por CN, 13.09.2016

(original em: <http://www.socialistinfo.ru/apriori/408.html>)

---

## **Gorbatchov: do oportunismo teórico à contra-revolução**

**Viktor Chapinov<sup>1</sup>**

Em Março de 1985, faz precisamente 25 anos, o Plenário do CC do PCUS elegeu Mikhail Gorbatchov para seu secretário-geral. Dificilmente alguém de esquerda dirá hoje uma palavra em abono da personalidade do último secretário-geral. E os partidários da linha política de Gorbatchov não passam de uma curiosidade exótica. Todos compreendem que Gorbatchov traiu o socialismo – a causa pela qual lutava em palavras.

Porém, o problema não reside nem nas qualidades pessoais de Gorbatchov, nem no seu acto de traição. A este propósito é pertinente recordar as palavras de Friedrich Engels: «Quando se inquire das causas dos sucessos contra-revolucionários, é-se confrontado de todos os lados com a resposta de que foi o senhor Este ou o cidadão Aquele que "traiu" o povo. Resposta esta que pode ser muito verdadeira ou não, consoante as circunstâncias, mas que em circunstância alguma explica o que quer que seja – nem mesmo mostra como é que veio a acontecer que o "povo" consentisse, desse modo, em ser traído. E quão poucas hipóteses tem um partido político cujos inteiros recursos consistam num conhecimento do facto solitário de que o cidadão Tal ou Tal não é digno de confiança!»<sup>2</sup>

Que Gorbatchov traiu o socialismo, isso é claro para todos. É um tal lugar-comum que nem temos vontade de o repetir. Será mais interessante mostrar que os pressupostos teórico-ideológicos, nos quais a direcção de Gorbatchov se apoiou para liquidar o socialismo na URSS, continuam a existir no movimento de esquerda pós-soviético, o qual, na sua grande parte, à semelhança de Bourbon, «*não aprendeu nada, nem esqueceu nada*».<sup>3</sup>

Porque é que para o socialismo a ideologia é importante? De acordo com o marxismo, a ideologia é um derivado da luta de classes, a qual, por sua vez, é determinada pelo desenvolvimento económico. Mas esta afirmação só é inteiramente verdadeira em relação à sociedade de classes, e não de todo em relação ao período da sua eliminação, como é o socialismo. Se o capitalismo se desenvolve espontaneamente no seio da sociedade

---

<sup>1</sup> Viktor Chapinov é jornalista e membro do Conselho Coordenador da Organização dos Marxistas (Ucrânia). Texto publicado em 16 de Março de 2010. (N. Ed.)

<sup>2</sup> Friedrich Engels, *Revolução e Contra-Revolução na Alemanha*, Marx e Engels, *Obras Escolhidas em três tomos*, Ed. Avante! – Progresso, Lisboa – Moscovo, 1982, t. 1, p. 311. (N. Ed.)

<sup>3</sup> Da expressão francesa «*Ils n'ont rien appris, ni rien oublié*», geralmente atribuída Charles-Maurice de Talleyrand (ministro de Napoleão e depois da monarquia da Casa de Bourbon), que teria dito esta frase referindo-se à nobreza emigrante que regressava a França após a queda de Napoleão em 1814. (N. Ed.)

feudal – e a revolução burguesa apenas consolida a vitória das novas relações, já alcançada através de um lento desenvolvimento económico –, as relações comunistas não se desenvolvem no seio da sociedade capitalista. Consequentemente o factor da acção consciente do poder revolucionário, ou da classe dos trabalhadores assalariados organizada no Estado – o proletariado, tem uma importância muito maior.

As transformações socialistas não são produto do desenvolvimento espontâneo da produção social, a qual, com a força de uma lei natural, compele as pessoas a agir desta ou daquela maneira. Tais transformações apenas podem realizar-se conscientemente. As medidas do Estado proletário não consolidam algo que já se havia formado por si só, mas reconstróem, refazem, transformam o tecido das relações sociais.

Haverá aqui algum idealismo ou voluntarismo? Nem uma gota. O materialismo nesta questão não consiste em que os construtores da sociedade comunista sejam vítimas cegas das circunstâncias criadas nas suas costas, mas no facto de que a transformação revolucionária das relações sociais deve realizar-se segundo a sua própria lógica histórica, que tem de ser compreendida e assimilada. Se tal transformação se realiza em desconformidade com a lógica do desenvolvimento das correspondentes relações, então essa acção conduzirá aos resultados mais inesperados, e em todo o caso não aproximará a sociedade do comunismo, mas empurrá-la-á para trás.

Esta ideia foi expressa ainda por Lénine na sua célebre fórmula, que também poderá parecer «idealista» a alguns: «*Sem teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário*».<sup>4</sup>

Precisamente por isso, os erros teóricos e os equívocos dos que lutam pela revolução socialista, a falta de uma compreensão clara, podem custar caro. Já no que respeita aos líderes das revoluções burguesas, o verdadeiro sentido da acção pode não ser claro e apresentar-se sob uma forma ilusória (o «*Reino da Razão*»<sup>5</sup>), sem que isso perturbe o seu trabalho revolucionário. Dado que o comunismo não se desenvolve espontaneamente a partir do capitalismo, as decisões do poder proletário podem ter uma importância decisiva para o estabelecimento das novas relações comunistas. Por outro lado, no seio da sociedade de transição socialista, as relações capitalistas que se mantiveram podem e inevitavelmente desenvolver-se-ão por «*si próprias*» espontaneamente, caso o processo de transformação seja paralisado ou refreado.

Aqui passamos à primeira tese que se tornou um lugar-comum na época soviética e desempenhou um papel devastador em relação à teoria revolucionária. O socialismo era entendido pelos ideólogos do período tardio da União Soviética não como a fase de transição do capitalismo para o comunismo, no qual se confrontam as relações comunistas com as relações capitalistas, mas como uma forma autónoma de sociedade, ou ainda pior (apesar só muito raramente falarem disto abertamente) – como uma formação socioeconómica à parte. Naturalmente que tal teoria orientava o sujeito social para a «*consolidação*» do *status quo* – daquilo que se chamava «*relações sociais socialistas*» e era considerado como o «*reforço do socialismo*». Na realidade, em cada esfera da sociedade socialista decorria uma luta entre as relações capitalistas e as relações comunistas, uma luta complexa e intrincada, na qual, como justamente escreveu Iliénkov,<sup>6</sup> era difícil dis-

---

<sup>4</sup> *Que Fazer?*, V.I. Lénine (1902), *Obras escolhidas* em três tomos, t. 1, Ed. Avante – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1981, pp. 96-97. (N. Ed.)

<sup>5</sup> Alusão ao «*reino da razão*» defendido por Voltaire. (N. Ed.)

<sup>6</sup> Evald Vassílievitch Iliénkov (1924-1979), filósofo marxista soviético. (N. Ed.)

tinguir os lados oponentes, entrelaçados «*como lutadores no tapete*». Mas há que distingui-los, pois se não o fizermos, se não se transformar constantemente as relações capitalistas em relações comunistas, então, de um modo absolutamente espontâneo e sem qualquer «*ajuda*» da nossa parte, desenvolver-se-á precisamente o capitalismo.

Deste entendimento (ou melhor, desentendimento) do socialismo como uma sociedade não antagónica, não de transição, completa, decorre logicamente também a tese de que no socialismo não há classes nem luta de classes. Se não vemos em cada célula da sociedade socialista a luta entre o capitalismo e o comunismo, então, naturalmente, também não vemos a dimensão desta luta. Isto significa que as contradições serão abafadas, varridas para «*debaixo do tapete*», ocultadas. Desaparecerão dessa forma? Claro que não. Elas «*sairão*» necessariamente cá para fora sob outra forma e no lugar mais inesperado. Nesse caso, a análise destas contradições, a delimitação exacta entre as que são «*nossas*» e as que nos são «*alheias*», é mais difícil senão impossível. É evidente que as classes e as contradições de classe existem no socialismo não na mesma forma que no capitalismo, e uma vez que temos um movimento para o comunismo, já não são inteiramente classes, são classes no processo da sua eliminação. Mas este processo em si é impossível sem a luta de classe daqueles que fazem avançar este processo para a frente contra aqueles que o arrastam para trás.

Se negamos a luta de classes no socialismo, então devemos também negar a existência do Estado. No entanto, o Estado na URSS era inquestionavelmente um facto empírico. Por isso negou-se a necessidade de um Estado classista e proclamou-se a União Soviética como um Estado de todo o povo, e o PCUS – o partido de todo o povo. Do ponto de vista do marxismo, a existência de um Estado não classista e de um partido não classista é um absurdo:<sup>7</sup> «*A existência do Estado prova que as contradições de classe são inconciliáveis*»,<sup>8</sup> escreveu Lénine. No entanto, foi precisamente este absurdo que se tornou a base teórica da existência da sociedade soviética no período de Khruchov-Bréjnev. A renúncia por parte dos ideólogos soviéticos à ditadura do proletariado no socialismo foi o mais importante desvio à teoria de Marx e Lénine.

O entendimento do socialismo como uma sociedade sem classes e sem Estado é um desvio teórico tão difundido que até penetrou nas variantes anti-soviéticas do marxismo. Por exemplo, Trótski, em a *Revolução Traída* e noutros trabalhos, nega a existência do Estado e das classes no socialismo (por exemplo: «*os soviets – forma de Estado, e o socialismo – regime social (...) dado que a organização social se tornou socialista, os soviets devem cair, como a floresta após a construção dos edifícios*»; «*O socialismo foi declarado concretizado (...) Mas surge aqui uma dificuldade fundamental. A acreditar em Marx, Engels e Lénine, o Estado é uma organização de domínio de classe (...) Que significa neste caso o Estado num país onde as “classes foram eliminadas”?* Estas questões têm sido mais de uma vez um quebra-cabeças para os sábios do Krémelin», etc.). E ainda lhe ocorre inventar uma fase intermédia entre o capitalismo e o socialismo, designando-a de «*período do Estado operário*». Aqui, mais uma vez, o socialismo é apresentado com algo concluído e estático, sem contradições e sem tensão interna, com a única diferença, em relação aos ideólogos soviéticos tardios, de que se declara que a

---

<sup>7</sup> Para um maior aprofundamento e esclarecimento da concepção marxista do Estado veja-se também o importante artigo de Tatiana Khabarova «*I.V. Stáline, o socialismo e o Estado*», disponível em [http://www.hist-socialismo.com/docs/Khabarova\\_Socialismo\\_e\\_Estado.pdf](http://www.hist-socialismo.com/docs/Khabarova_Socialismo_e_Estado.pdf) (N. Ed.)

<sup>8</sup> *O Estado e a Revolução* (1917), V.I Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1985., t. 3, p. 192. (N. Ed.)

URSS não atingiu esse Estado ideal, tendo--se atascado devido à má vontade da burocracia para com o «*Estado operário*». É fácil de ver que tanto na variante soviética como na variante trotskista a teoria marxista-leninista é distorcida de modo substancial. Basta ler com atenção *O Estado e a Revolução* de Lênine, onde o líder dos bolcheviques indica de forma unívoca: «*Para que o Estado se extinga completamente é necessário o comunismo completo*».<sup>9</sup>

Se entendermos o socialismo como um organismo social completo, então também os traços que lhe são característicos empiricamente serão declarados como peculiares à essência do socialismo. Em particular, isto é importante no que respeita à produção mercantil e às relações monetário-mercantis que, na URSS tardia, foram declaradas socialistas. Geraram-se definições grotescas como «*produção mercantil socialista*», «*modificação socialista do valor*», e depois também «*lucro socialista*», etc. Para qualquer pessoa familiarizada com a teoria de Marx e Lênine é evidente que as relações monetário-mercantis são uma forma de relações espontaneamente estabelecidas entre produtores independentes, isolados. Ora no socialismo tem lugar a fusão dos produtores independentes num mecanismo económico unificado, e a sociedade, segundo a expressão de Lênine, transforma-se numa «*fábrica una*». As secções de uma fábrica não comerciam entre si, a produção de uma secção é recebida noutra secção sem passar pelo mercado e sem o seu valor se exprimir em dinheiro, o equivalente universal. Consequentemente, quando no socialismo nos deparamos com a produção mercantil, isto não é mais do que resquícios das velhas relações capitalistas, que devem ser combatidas e transformadas em comunistas, não mercantis. Se estas transformações forem travadas (como aconteceu na URSS tardia), então será inevitável o desenvolvimento da forma monetário-mercantil, que absorverá e submeterá os elementos da economia comunista, até à completa restauração do capitalismo.

As relações monetário-mercantis que foram conservadas no interior do complexo da economia nacional unificado da URSS impeliram algumas das suas partes a concorrer pelos recursos, o que gradualmente conduziu à formação de grupos burocráticos da nomenclatura interessados no desmembramento e em última análise na privatização de fragmentos isolados do organismo económico.

Aqui, mais uma vez, deparamo-nos com o reflexo virtual da teoria soviética tardia do mercado socialista no marxismo anti-soviético. Por exemplo, Trótski, no trabalho «*A Economia Soviética em Perigo*», desdenha da própria ideia de planificação centralizada: «*Se existisse o espírito universal descrito pela fantasia científica de Laplace:<sup>10</sup> um espírito que regista simultaneamente todos os processos da natureza e da sociedade, mensura a dinâmica do seu movimento e antecipa os resultados da sua interação – um tal espírito poderia, certamente, construir a priori um plano económico completo e infalível, começando pelo número de hectares de trigo e terminando nos botões do gilete*». Esta representação caricatural da transformação das formas surgidas espontaneamente de administração económica numa planificação consciente conduz Trótski à conclusão da necessidade das relações de mercado na própria economia planificada: «*O plano afere-se e, em grande parte, realiza-se através do mercado. A regulação do próprio mercado deve apoiar-se nas tendências reveladas por seu intermédio (...) O sistema de economia de transição é inconcebível sem o controlo do rublo (...) o cálculo*

---

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 267. (N. Ed.)

<sup>10</sup> Pierre-Simon, marquês de Laplace (1749-1827), matemático, astrónomo e físico francês. (N. Ed.)

*económico é impossível sem relações de mercado*». A eliminação do mercado e da produção mercantil é mais uma vez afastada, tal como nas construções dos ideólogos soviéticos tardios; para além das nuvens prometia-se um «socialismo» sem antagonismos, sem classes e sem Estado, mas no seio do «período do Estado operário» (isto é, aquilo a que Marx e Lénine chamavam socialismo) continuam vivas e a prosperar todas as relações económicas espontâneas («*O papel do dinheiro na economia soviética não só não terminou como, já o dissemos, deve ainda desenvolver-se até ao fim. A época de transição entre o capitalismo e o socialismo, tomada no seu conjunto, significa não a redução da circulação mercantil, mas, inversamente, o seu alargamento ao extremo*» – aqui Trótski antecipa-se aos futuros «mercantilistas» soviéticos).

Os ideólogos soviéticos não compreendiam que perante o socialismo está colocada a tarefa da transformação de todo o complexo das relações sociais e, primeiro que tudo, das relações de produção, recebidas como herança de todas as formações pré-comunistas. Deste modo, o período de transição socialista resolve tarefas iguais em dimensão a toda a pré-história da humanidade, contrapõe-se não só ao capitalismo, como degrau último e completo da formação socioeconómica, mas também a todas as formas da sociedade de classes que existiram anteriormente. Como viam estas transformações os ideólogos soviéticos tardios? A despeito de Marx e de Lénine, para os quais a tomada do poder pelo proletariado e a centralização da propriedade desse Estado eram apenas o primeiro passo do socialismo, este passo era visto como a própria «*construção do socialismo*».

A passagem dos meios de produção para a propriedade do Estado após a tomada revolucionária do poder – é apenas o primeiro passo do comunismo. Um primeiro passo que é muito importante, necessário, insubstituível, mas não é de todo suficiente, porque se a coisa se limitar a este primeiro passo, então o comunismo acaba muito rapidamente. A URSS tardia constituiu um triste exemplo disso mesmo. Claro que este primeiro passo nunca foi algo de muito fácil – pelo contrário sempre encerrou dificuldades gigantescas, como também sabemos pela história da União Soviética e de outros países socialistas do século XX.

Todos os marxistas se lembram, provavelmente, das palavras do Manifesto do Partido Comunista: «*Os comunistas podem condensar a sua teoria numa única expressão: supressão [Aufhebung] da propriedade privada*»,<sup>11</sup> mas poucos se lembram do que é essa propriedade privada e em que consiste o processo da sua eliminação segundo Marx e Lénine. Eis, pois, em que consiste: «*Divisão do trabalho e propriedade privada*», escrevem Marx e Engels, «*são expressões idênticas: numa enuncia-se em relação à actividade o mesmo que na outra se enuncia relativamente ao produto da actividade*». <sup>12</sup> Deste modo, a «*expropriação dos expropriadores*»<sup>13</sup> é apenas o começo da eliminação da propriedade privada e não de modo nenhum todo o processo. A supressão formal da propriedade privada é idêntica à supressão da divisão social do trabalho e coincide nos limites temporais com o que chamamos socialismo – a isto é, com a transição do capitalismo para o comunismo completo. Deste modo, a essência do socialismo consiste na

---

<sup>11</sup> Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, Editorial «Avante!», Lisboa, 1997, <http://www.hist-socialismo.com/docs/ManifestoPartidoComunista.pdf>, p. 11. (N. Ed.)

<sup>12</sup> «*Feuerbach. Oposição das Concepções Materialista e Idealista*», (Capítulo Primeiro de *Ideologia Alemã*), Marx e Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante – ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1982, t. 1, p. 24. (N. Ed.)

<sup>13</sup> Karl Marx, *O Capital*, Livro Primeiro, t. III, Ed. Avante, Lisboa, 1997, p. 862. (N. Ed.)

eliminação da divisão social do trabalho, a qual constitui a base da existência das classes, da exploração, etc.

A transformação de todas as pessoas em trabalhadores do capital social global é apenas o primeiro passo do socialismo. Segue-se a eliminação por etapas das diferentes formas de actividade alienante. Na URSS parou-se no primeiro passo e o resultado foi a restauração [do capitalismo].

Aquilo que para Marx e Lénine era a transformação do próprio carácter, do próprio tipo de actividade, da forma social das relações entre as pessoas, para os ideólogos soviéticos tardios tornou-se na transformação da distribuição do produto da actividade. Aqui o marxismo soviético apoiou-se nas palavras de Marx sobre o socialismo e o comunismo, contidas nas notas críticas ao programa do partido operário alemão. Como é sabido, Marx, na *Crítica ao Programa de Gotha*, e Lénine, em *O Estado e a Revolução*, afirmam que a diferença entre o socialismo e o comunismo consiste em que no primeiro vigora a regra «*de cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo o seu trabalho*» (com ressalvas para a necessidade da assistência aos incapacitados para o trabalho, de assegurar a acumulação, etc.), enquanto no comunismo a regra é «*de cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades*». No entanto, estes slogans, que Marx foi buscar aos socialistas utópicos do passado, foram por ele utilizados só para explicar os erros dos redactores do Programa de Gotha dos socialistas alemães e dizem respeito apenas à distribuição, não nos relevando completamente a essência do socialismo.

A distribuição é posterior à produção, por isso a questão está na transformação das relações de produção, da divisão social do trabalho, e não de todo na organização justa da distribuição, como consideravam os socialistas utópicos. A alteração da distribuição dos produtos da actividade, caso a actividade permaneça a mesma, inevitavelmente conduz a perturbações no mecanismo económico e a um recuo para o antigo modo de distribuição.

Também a burocracia e a democracia na sociedade socialista constituem um problema dependente do processo de eliminação da divisão social do trabalho. Outra equação deste problema será manifestamente falsa e conduzirá à sua resolução de forma democrático-burguesa (como mostra a experiência da «*perestróika*»). Durante longo tempo a ideologia soviética ignorou simplesmente este problema, como se a contradição entre trabalho físico e trabalho intelectual, entre trabalho de direcção e de trabalho de execução não existisse de todo na URSS. E quando ela foi colocada no período da «*perestróika*» a única solução então proposta à sociedade pelos ideólogos do partido foi a contraposição da «*democracia*» à «*nomenclatura*», o que inevitavelmente conduziu à restauração da democracia burguesa.

O reverso desta ignorância foi a idealização do operário e do camponês kolkhoziano. A sua idealização não como agentes revolucionários de transformações sociais, mas precisamente como representantes do seu estreito nicho na divisão social do trabalho. Idealizava-se não o lado revolucionário da situação social do proletariado, mas o seu lado conservador.

Partindo desta experiência negativa, as pessoas de esquerda devem compreender de uma vez por todas que não é impossível educar o homem novo através do embelezamento das cadeias do trabalho mecânico com floreios ideológicos, com o «*respeito pela gente laboriosa*». Não nos podemos apaixonar pelo operário junto da máquina-ferramenta e do camponês no tractor. O objectivo do socialismo, como justamente escreveu Engels, consiste em não «*existir nem carregador nem arquitectos de profis-*

são». <sup>14</sup> E não de todo em que os arquitectos de profissão amem os carregadores de profissão. Por outras palavras, o objectivo é a eliminação da divisão social do trabalho, e não a exaltação, ou mesmo uma melhor remuneração, daqueles que ocupam nela os degraus mais baixos.

No início dos anos 20, Lénine entrou por acaso numa reunião de jovens comunistas. Na sala onde decorria a reunião estava afixado um cartaz em que se lia: «*O reino dos operários e dos camponeses será eterno*». Lénine interveio criticando severamente tal palavra de ordem. Como marxista, compreendia que se o operário se eternizasse, e muito mais o camponês, então cedo ou tarde surgiria o capitalista e o latifundiário. Uma parte da contradição não existe sem a outra parte. Derrubar pela violência a burguesia e manter a classe operária inevitavelmente conduzirá ao renascimento da burguesia sob outra forma. E ela surgirá donde menos se espera, como escreveu Mao, do próprio partido comunista.

O espírito revolucionário da classe operária no socialismo avalia-se pelo êxito da luta que trava pela sua própria extinção como classe. Pelo grau do seu envolvimento na administração da sociedade, pelo grau de integração na produção da ciência, da cultura e da educação, que deixam de constituir privilégios de grupos sociais particulares, tornando a própria produção a produção do ser social.

Neste domínio, mais uma vez, o oportunismo dos ideólogos soviéticos reflectiu-se, como num espelho côncavo, no marxismo «*anti-soviético*». O conhecido teórico trotskista, Daniel Bensaïd, escreveu: «*Segundo a tese de Trótski, desenvolvida por Mandel, na base do parasitismo da burocracia e dos seus privilégios estava a contradição na sociedade de transição entre a economia socializada planificada e a normas burguesas de distribuição. Então a “revolução política” consistiria em colocar a superestrutura política em correspondência com a nova base social*». (*Teses de Resistência*). Deste modo, para os trotskistas, na economia da URSS, isto é, na divisão social do trabalho, tudo estava OK e apenas a «*superestrutura*» decepcionava.

O marxismo, contrariamente a Trótski e aos seus seguidores, considera a burocracia não como elemento da «*superestrutura*», alheio à economia nacionalizada, mas como produto de um tipo determinado de divisão do trabalho, o qual não desaparece por si só desta economia nacionalizada, mas é eliminado no decurso do longo e difícil processo de eliminação da divisão social do trabalho. Em vez deste processo, Trótski, como sabemos, propôs uma rápida «*revolução política*» contra a burocracia. Na prática, mesmo que essa revolução tivesse sido possível, ela conduziria apenas à substituição de uma fracção da burocracia (stalinista) por outra (trotskista), uma vez que não tocaria as bases, as raízes da burocracia – a divisão social do trabalho.

Difícilmente algum trotskista poderá explicar com clareza quando é que essa «*revolução política*» eliminaria as diferenças entre Trótski e o seu secretário, o seu cozinheiro ou motorista – mas é precisamente essa diferença que tem um significado essencial para o socialismo, porém a este respeito não há uma linha escrita por Trótski. Mesmo que se definisse o mesmo salário para Trótski e para o seu cozinheiro, isso pouco alteraria as relações sociais.

O socialismo, como período da eliminação das relações da sociedade de classes, como período da transição para o comunismo, deve colocar no centro da atenção não a produção material, mas a produção do homem, o desenvolvimento multilateral do indivíduo.

---

<sup>14</sup> F. Engels, *Anti-Dühring*, Edições Afrodite, Lisboa, 1974, p. 251. (N. Ed.)

Não se trata simplesmente da «satisfação» das «necessidades» criadas espontaneamente, mas precisamente da produção do homem social, em relação ao qual a produção material ocuparia o lugar subordinado que lhe conviesse. Como sabemos, os ideólogos soviéticos sempre falaram precisamente da satisfação das necessidades, o que conduziu à formação da variante soviética da sociedade de consumo e ao inevitável domínio da ideologia pequeno-burguesa.

À medida do avanço para o comunismo o papel dominante deve ser desempenhado não já pelas relações de produção alienantes («base»), mas pelas relações humanas genuínas. O homem desenvolvido multilateralmente, perante o qual se abrem todos os horizontes para o seu contínuo aperfeiçoamento, nunca apoiaria a restauração capitalista, que o condena a ficar para sempre amarrado a apenas uma das capacidades humanas universais. O «homem soviético», para o qual este horizonte comunista permanecia encerrado, não se opôs, de maneira geral, ao mercado e à propriedade privada, que lhe prometia a abundância de consumo. O trabalho da restauração foi feito por todas essas forças espontâneas do mercado, que encontraram os seus executores na pessoa da tal burocracia soviética.

Considerando estas disposições teórico-ideológicas adoptadas a título oficial, totalmente contrárias ao entendimento marxista do socialismo, não é difícil compreender por que razão a acção contra-revolucionária da direcção de Gorbatchov do PCUS foi aceite e apoiada pelas massas, incluindo as massas de comunistas, dos sinceros partidários do socialismo. A demagogia sobre o «regresso aos ideais leninistas» foi aceite pela sociedade, entre outras razões, porque o verdadeiro conteúdo das ideias de Marx e de Lénine foi esquecido e distorcido, antes de mais nas linhas que atrás examinámos.

E mais uma vez este oportunismo teórico e político dos comunistas soviéticos reflectiu-se como num espelho nos comunistas «anti-soviéticos». O líder da IV Internacional trotskista, Ernest Mandel, disse em 1990: «A *perestróika* é uma verdadeira nova revolução. O nosso movimento defende desde há 55 anos a mesma tese, e por essa razão foi qualificado de contra-revolucionário. Hoje compreendemos melhor, tanto na URSS como em boa parte do movimento comunista internacional, onde se encontravam os verdadeiros contra-revolucionários e onde se encontravam os verdadeiros revolucionários». «O reformador *Éltsine* representa a tendência que é favorável à redução do enorme do aparelho burocrático. Deste modo, ele segue as pegadas de *Trótski*». Mesmo em 1991, durante o período do Comité Estatal de Emergência, Mandel escreveu: «Era preciso não hesitar em se opor ao golpe e, neste sentido, lutar ao lado de *Éltsine*».<sup>15</sup> Desta forma a cegueira teórica dos comunistas soviéticos era totalmente partilhada também pelos seus opositores políticos – os trotskistas.

O mais assustador é que este oportunismo teórico, que franqueou o caminho ao trabalho contra-revolucionário de Gorbatchov, está vivo ainda hoje no movimento da esquerda.

16 de Março de 2010

---

<sup>15</sup> Estas e outras citações de E. Mandel e respectivas fontes estão também incluídas no artigo de Ludo Martens «O trotskismo ao serviço da CIA contra os países socialistas», disponível em [http://www.hist-socialismo.com/docs/Trotskyismo\\_LM.pdf](http://www.hist-socialismo.com/docs/Trotskyismo_LM.pdf) (N. Ed.)